

## EUA: Seis meses de Trump, seis meses de caos



Reproduzimos uma análise de Devan Sohier (publicada no semanário *Informations Ouvrières* – Informações operárias – do Partido Operário Independente, de França, nº 464, de 2 de Agosto de 2017), tirando o balanço dos primeiros seis meses de governação de Trump.

**«O caos continua»,** é o título colocado pela Agência France Press, a 1 de Agosto, num despacho sobre o governo de Donald Trump, publicado exactamente quando *«a Casa Branca acolhia o seu novo Secretário-geral (John Kelly) para voltar a dar serenidade a uma Administração desorientada, e o conflituoso porta-voz de Trump, Anthony Scaramucci, deixava as funções que tinha assumido apenas há uma semana.»*

Trump é presidente apenas há seis meses, e cada uma das decisões que ele tomou contribuiu para aprofundar a crise em que o imperialismo norte-americano está mergulhado. Numa semana, a ruptura com o aparelho do Partido Republicano manifestou-se de forma completamente clara, com o voto do Senado contra a revogação de prescrições do *Obamacare* e, em seguida, com a imposição da demissão de Reince Priebus (Chefe do Gabinete de Trump e representante, no seio da sua Administração da velha-guarda do Partido Republicano). A situação do governo de Trump torna-se cada vez mais instável.

### A questão do Obamacare

O Obamacare foi a reforma emblemática de Obama. Num país onde uma grande parte da população é obrigada a renunciar a cuidados de saúde básicos – e mesmo vitais – a questão do acesso à saúde é central.

Em 2013, Rose Ann DeMoro, Secretária-geral do Sindicato dos Enfermeiros (NNU), voltava a debruçar-se sobre o Obamacare e os ataques de que ele era alvo. Esse texto continua a ser extremamente actual, no momento em que os deputados na Câmara dos Representantes dos EUA vão tomar uma decisão sobre a revogação deste dispositivo legal.

Em particular, ela explicava que *«aquilo que suscitou o ACA (Obamacare, NdT) foi o desenvolvimento rápido de uma situação de pesadelo na Saúde, com 50 milhões de cidadãos sem direito a seguro de saúde, milhões de falidos por terem que pagar facturas de tratamentos e uma*

*subida exponencial do número de doentes que tinham que renunciar aos tratamentos por causa do seu custo. (...) O ACA combate algumas das mais graves desigualdades: o acesso à Medicaid (as despesas de saúde dos mais pobres são asseguradas pelo Estado) ou a subsídios para fazer um seguro privado, bem como impede certos abusos gritantes por parte das Seguradoras e faz um incitamento aos cuidados de saúde preventivos.»*

Rose Ann DeMoro prossegue: *«Mas, de facto, a Lei reforça o Sistema de seguros privados, ao impor a cada indivíduo não coberto pelo Sistema estatal a obrigação de fazer um seguro.»* É esta na realidade a complexidade do Obamacare: trata-se de uma Lei que protege os interesses das Seguradoras, mas permitiu a milhões de Norte-americanos aceder aos cuidados de saúde.

# Trump desacreditado

A substituição do Obamacare por um sistema menos obrigatório, preservando claro os interesses das Seguradoras, foi a promessa da campanha eleitoral que soldou o Partido Republicano. Mas trata-se, agora, de a pôr em prática... e tudo se complica.

O Senado fez duas votações na semana passada, para as quais o senador McCain (antigo candidato republicano à Presidencial, agora gravemente doente) foi chamado a votar. A primeira destas votações, que ficou empatada (50 a 50, mas que o Vice-presidente dos EUA desempatou com o seu voto de qualidade) reabriu as discussões sobre o Obamacare. A segunda das votações devia decidir a revogação imediata de uma parte das disposições do Obamacare. Mas essa revogação foi rejeitada por 49 votos a favor e 51 contra (incluindo o de McCain).

Eles temem, sobretudo, que uma tal revogação coloque no centro da situação a reivindicação de um Sistema de Saúde com um único pagador (quer dizer, sem Seguradoras privadas), velha reivindicação do movimento operário, reafirmada em 2008 pela principal Confederação sindical dos EUA, a AFL-CIO, e sobre a qual Rose Ann DeMoro escreve justamente: *«Libertas do imperativo de obter lucros antes da prestação dos cuidados de saúde, a segurança na doença para todos racionalizará o desperdício administrativo e as complexas operações de facturação associadas aos seguros privados. O Medicare (as despesas de saúde dos mais idosos são asseguradas pelo Estado) acessível a todos eliminará os contratos de saúde – a vários níveis – que envenenam quer os seguros colectivos quer os individuais, e que estão mais ligados ao peso do portamoedas do segurado que às suas necessidades de cuidados de saúde. As questões de classe, de sexo, e as disparidades raciais para o acesso aos cuidados de saúde e à sua qualidade desaparecerão com o Medicare para todos.»*

## A crise dos Republicanos tem repercussões internacionais

Trump acaba de aceitar a demissão de Reince Priebus, o seu Chefe de Gabinete e representante do aparelho republicano no seio do Governo. Priebus tinha sido violentamente posto em causa pelo novo responsável pelas Comunicações da Casa Branca, que o tinha acusado de estar na origem das fugas de informação respeitantes às discussões internas da Casa Branca.

A tentativa dos Republicanos de encontrarem um terreno de acordo com o novo Presidente dos EUA parece chegar ao seu fim e Trump está mais do que nunca suspenso no ar. A tal ponto que a Câmara dos Representantes e o Senado acabaram de adoptar, quase por unanimidade, um novo pacote de medidas contra a Rússia. Trata-se, evidentemente, de um voto em oposição frontal a Trump. Mas é sobretudo um factor de crise internacional.

Com efeito, este projecto prevê em particular medidas «extraterritoriais»: empresas a trabalharem com a Rússia ver-se-iam impedidas de aceder aos mercados públicos europeus, e os Bancos dos EUA deixariam de estar autorizados a financiá-las. Isto respeitaria nomeadamente às empresas implicadas na construção do gasoduto *Nord Stream 2*, destinado a canalizar o gás russo para a Alemanha, através do Mar Báltico. O Governo alemão, assim como diversas empresas europeias, já protestaram contra este projecto, e a Rússia acaba de restringir – de forma drástica – a representação diplomática dos EUA no seu território.

Portanto, é todo o conjunto das relações diplomáticas mundiais que está a ser contaminado pelas convulsões da política dos EUA.